

Fragmento da Peça “Auto da Compadecida”
Ariano Suassuna

JOÃO GRILO - Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (*Recitando*).

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite,
A braba dá quando quer.
A mansa dá sossegada,
A braba levanta o pé.
Já fui barco, fui navio,
Mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher.

ENCOURADO - Vá vendo a falta de respeito, viu?

JOÃO GRILO - Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!
Já fui barco, fui navio,
Mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher.
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré.

(*Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, a Compadecida, entra*).

ENCOURADO [*com raiva surda*] - Lá vem a compadecida! Mulher em tudo se mete!

JOÃO GRILO - Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A COMPADECIDA - Não, João, por que eu iria me zangar? Aquele é o versinho que *Canário Pardo* escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

JOÃO GRILO - É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A COMPADECIDA - É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

ENCOURADO - Protesto.

MANUEL - Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que não vou.

ENCOURADO - Grande coisa esse chamego que ela faz para salvar todo mundo! Termina desmoralizando tudo.

SEVERINO - Você só fala assim porque nunca teve mãe.

JOÃO GRILO - É mesmo, um sujeito ruim desse, só sendo filho de chocadeira!

A COMPADECIDA - E para que foi que você me chamou, João?

JOÃO GRILO - É que esse filho de chocadeira quer levar a gente para o inferno. Eu só podia me pegar com a senhora mesmo.

ENCOURADO - As acusações são graves. Seu filho mesmo disse que há tempo não via tanta coisa ruim junta!.

A COMPADECIDA - Ouvi as acusações.

ENCOURADO - E então?

JOÃO GRILO - E então? Você ainda pergunta? Maria vai nos defender. Padre João, puxe aí uma Ave-Maria!

PADRE (ajoelhando-se - Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

JOÃO GRILO - Um momento, um momento. Antes de respondermos, lembrem-se de dizer, em vez de "agora e na hora de nossa morte", "agora na hora de nossa morte", porque do jeito que nós estamos, está tudo misturado.

TODOS - Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora na hora de nossa morte. Amém.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/246438-1>. Acesso em 06 de out. de 2018.

O PAGADOR DE PROMESSAS (fragmento)

Dias Gomes

(...)

SACRISTÃO

Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ

(Adianta-se)

Sou eu, Padre.

(Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão)

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ

É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas...

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo.

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

(Olha a cruz, detidamente)

E como a trouxe... num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

(Expandindo infantilmente a sua admiração) Menino!

PADRE

(Lança-lhe um olhar enérgico) Psiu!

Cale a boca!

(Seu interesse por Zé-do-Burro cresce)

Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe ver seu ombro. Zé - do Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro.

Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

(Parece satisfeito com o exame) Promessa?

ZÉ

(Balança afirmativamente a cabeça)

Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande! Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.

PADRE

(Padre parece meditar profundamente sobre a questão)

Mesmo assim, não lhe parece um tanto exagerada a promessa? E um tanto pretensiosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ

Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE

(Enojado)

Mas meu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E que de que o doutor fazia o sangue parar? Ensopava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não acaba mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou pra mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE

E... o sangue estancou?

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachacinha, passei na farmácia de "seu" Zequinha pra saber das novidades - tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?

ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa.

(Com grande tristeza)

Nicolau teve o azar de nascer burro... de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZÉ

Meu burro... sim senhor.

PADRE

E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

ZÉ

Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja de Santa Bárbara, que ia precisar andar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BONITÃO

(Que assistiu a toda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira) Ele se estrepou.

Padre Olavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notada a sua presença. Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa.

Porque quando vi que nem as rezas do preto Zeferino davam jeito...

PADRE

Rezas?! Que rezas?!

ZÉ

Seu vigário me desculpe... mas eu tentei tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa d'água, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demo.

ZÉ

Do demo, não senhor.

(...)

PADRE

(Secamente, contendo ainda a sua indignação) Adiante.

ZÉ

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que eu não ia no candomblé de Maria de lansan?

PADRE

Candomblé?!

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. (Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave)

Eu sei que seu vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Conte pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com lansan, dona dos raios e das trovoadas. lansan tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque lansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que lansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

(Como se anotasse as palavras)

Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A lansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

(Grita)

Não é a mesma coisa!

(Controla-se)

Mas continue.

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres,
mais pobres que eu.

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

(...)

PADRE

(Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por
fim detém-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial)

Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua
promessa?

ZÉ

(Não entendeu a pergunta)

Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha
consciência e quite com a santa.

PADRE

Só isso?

ZÉ

Só...

PADRE

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

ZÉ

Eu?!

PADRE

Sim, você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de
Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de
Deus...

ZÉ

(Humildemente)

Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE

(Corta terrível)

Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

ZÉ

Sim, mas isso...

PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade?

Não, para salvar um burro!

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

É um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional! A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade!

ZÉ

(Angustiadamente tenta explicar-se)

Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja você não entrará com essa cruz!

(Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo).

ZÉ

(Em desespero)

Mas Padre... eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

PADRE

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

(...)

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?

(...)

GOMES, Dias. **O pagador de promessas**. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.